

## Fim do mundo? Uma crítica ao pós-tribulacionismo

Um irmão na célula de estudos de profecia Rhema – que se reúne [nesta sala virtual](#) do Jitsi às 20h das quartas-feiras – me pediu que eu assistisse e comentasse um vídeo com sermão do pastor Hernandes Dias Lopes, da igreja presbiteriana de Pinheiros em São Paulo, sobre “[O Fim do Mundo](#)”, no qual a doutrina pós-tribulacionista é assumida e defendida, e alternativas são criticadas.

Tenho buscado estudos ou apresentações que defendam o pós-tribulacionismo com embasamento bíblico coerente e consistente. Porém, todos que já encontrei até hoje esbarram em problemas, omissões e falhas, principal e invariavelmente com respeito ao capítulo 20 de Apocalipse. Então, aceitei de bom grado a tarefa, ainda mais por se tratar de um pastor que ministra numa das mais tradicionais igrejas evangélicas do Brasil. Esse seu sermão constituiria, para mim, uma primeira exceção? Vejamos.


**6m14s** – Aos 6 minutos e 14 segundos do [vídeo](#), referindo-se às duas primeiras palavras do capítulo 12 do livro de Daniel na versão ARA da Bíblia, Lopes diz: “Quando se diz ‘nesse tempo’...”, e prossegue tentando identificar que tempo seria esse.

Para acompanharmos seu raciocínio, convém antes citar Dn 12:1 por inteiro, e listar a função que nele exerce cada ocorrência da palavra “tempo”. São quatro as ocorrências.

*Nesse tempo<sub>1</sub> se levantará Miguel, o grande príncipe que se levanta a favor dos filhos do teu povo; e haverá um tempo<sub>2</sub> de tribulação, qual nunca houve desde que existiu nação até aquele tempo<sub>3</sub>. Mas, naquele tempo<sub>4</sub>, será salvo o teu povo, todo aquele que for achado escrito no livro. Dn 12:1 (ARA)*

Tabela 1: Ocorrências da palavra ‘tempo’ em Dn 12:1		
Na expressão	Referindo-se a	Abrev
Nesse tempo <sub>1</sub>	Período descrito anteriormente, pela visão de Daniel que vai até Dn 11:45	T1
haverá um tempo <sub>2</sub>	Período de tempo posterior a T1 (posterior por motivo lógico*)	T2
até aquele tempo <sub>3</sub>	T1 – excluído T2 por motivo lógico* e gramatical (‘aquele’, e não ‘esse’)	T3
naquele tempo <sub>4</sub>	T1 – excluído T2 por motivo gramatical (‘Mas, naquele’, e não ‘Nesse’)	T4

(\*)- T2 não pode ter interseção com T1 pois a tribulação que define T2 “nunca houve” em T1 e nem antes

Linha do tempo em Dn 12:1			
Antes de T1	T1	...	T2
< Início de nações	Período descrito pela visão de Daniel entre Dn 10:7 e 11:45	...	Grande tribulação
			

T1: Para definir T1, Lopes aponta o período referente ao “assunto [que Daniel] vem tratando desde o capítulo 7”, período este que ele chama de “tempo do levantamento do anticristo” (em 6m30s). À guisa de explicação, Lopes havia antes apenas mencionado que o livro de Daniel se divide em duas partes: uma histórica, nos capítulos de 1 a 6, outra profética, nos capítulos de 7 a 12. Porém, a metade profética do livro descreve várias visões, envolvendo personagens e eventos que se realizaram, ou irão se realizar, em períodos de tempo distintos. Ou seja, o livro de Daniel narra mais de um tema profético nos capítulos 7 a 11.

Para entendermos corretamente que tempo é esse (T1), devemos nos valer da gramática. Para o pronome “esse” a gramática nos instrui a buscarmos um referente no assunto anterior mais próximo, do leitor ou na

narrativa, que seja pertinente ao contexto. Ou seja, neste caso, a última visão profética antes de Dn 12:1. Esta é a visão cuja narrativa começa em Dn 10:7, inclui Dn 12:1 e termina em Dn 12:4. Tal visão descreve, segundo sua introdução pelo mensageiro (em Dn 10:14), eventos históricos e políticos que serão importantes para o povo de Daniel, desde o tempo em que a profecia foi recebida até um tempo futuro.

Então, se considerarmos que tais eventos estão descritos em sequência temporal, como sugere a estrutura da narrativa e as interpretações mais coerentes quanto às que já teriam se cumprido, o evento que determina o final do período T1 seria o último antes de Dn 12.1. A saber, o evento descrito em Dn 11:40-45:

*Ora, no fim do tempo, o rei do sul lutará com ele; e o rei do norte virá como turbilhão contra ele, com carros e cavaleiros, e com muitos navios; e entrará nos países, e os inundará, e passará para adiante. ... E armará as tendas do seu palácio entre o mar grande e o glorioso monte santo; contudo virá ao seu fim, e não haverá quem o socorra.*  
Dn 11:40,45 (ARA)

De fato, essa passagem descreve o que se pode chamar de “levantamento do anticristo”, pois narra lutas por sua consolidação de poder. Em paralelo com Dn 7:24, que prevê a luta do pequeno chifre emergente contra três chifres do quarto animal, para atingir seu apogeu. Mas há ainda uma questão: Se consideramos, com base em outras passagens, que a derrota final do anticristo encerra o tempo da grande tribulação (T2), então a última frase em Dn 11:45 (*contudo virá ao seu fim...*) deve estar fora do evento que encerra T1. Pois do contrário, pelo motivo lógico acima (\*), a grande tribulação teria que ocorrer depois da 2ª vinda de Cristo.

Mas Lopes, ignorando essa questão, ignora também a gramática ao apontar referentes para T1: Depois de juntar todas as visões proféticas de Daniel num só “assunto”, ele escolhe aquela mais longínqua no texto, ao invés da mais próxima, para opinar sobre os limites do período de tempo T1. Ele escolhe a primeira visão profética do livro, contendo a imagem dos quatro animais, que ocupa todo o capítulo 7 e que encerra com a derrota final do anticristo, e da qual ele destaca os versículos 21 e 25 (“*um tempo, dois tempos e metade de um tempo*”) para descrever até onde iria T1.

**7m06s** – Nesse ponto Lopes diz, ainda definindo T1: “Ainda, veja comigo o capítulo 11 verso 36, a descrição desse tempo”.

Com isso ele presume que distintas visões proféticas de Daniel se referem ao mesmo período de tempo indicado no início de Dn 12:1. Porém, tal presunção incorre em vários problemas:

- Os contextos das visões em Dn 7:21,25 e em Dn 12:1 (onde ocorre Dn 11:36) são distintos. O primeiro, o contexto da visão dos quatro animais no capítulo 7, descreve eventos num período de tempo mais abrangente do que o segundo, o da parte da visão de eventos históricos e políticos importantes para o povo de Daniel que vai até Dn 11:45: o primeiro inclui a derrota final do anticristo, e o segundo encerra quando o anticristo arma sua tenda entre o mar mediterrâneo e o monte santo.
- Dn 11:36 contém uma dupla referência: a primeira, atribuída ao rei Antíoco Epifânio IV (~167 AC), e a segunda, a quem tal rei servirá de modelo profético (“... *porque aquilo que está determinado será feito*”). Isso decorre de consideramos a visão nesse contexto descrevendo eventos em sequência, e que no hebraico original não ocorre o pronome “este” (em “*este rei fará conforme a sua vontade ...*”, de algumas traduções), e sim o artigo definido “o”. A inserção desse pronome induz confusão entre referente e segunda referência, enquanto “*O rei fará conforme a sua vontade ...*” admite esta dupla referência.
- A visão profética que envolve Dn 11:36 não vai até o anticristo em poder absoluto como evento histórico; alcança apenas o modelo desse absolutismo, cumprido no evento histórico “Antíoco Epifânio IV” e sua “abominação desoladora”. Essa interpretação é do próprio Jesus Cristo, em Mt 24:15. Ao contrário de Dn 7:21,25, a leitura de Dn 11:36 no contexto de Dn 12:1 para definição de T1 está bem

com a gramática, porém, se incluir o período em que o anticristo exerce poder absoluto, como evento ali profetizado diretamente, estará forçando a barra, também por quebrar a sequência temporal dessa visão.

**7m41s** – Nesse ponto Lopes tenta, outra vez, expandir artificialmente o contexto de “*Nesse tempo*” em Dn 12:1 para compor sua definição de T1: “... E agora, veja o capítulo 12 versículo 11”.

Aqui Lopes recorre a mais uma visão profética, esta posterior à de Dn 12:1 (que termina em Dn 12:4). Esta outra visão profética ele depois compara com Ap 13:7-8, para concluir que o anticristo já exerce poder absoluto no tempo do seu cumprimento. Mas nesta outra visão, é outro anjo que surge e dialoga com o anjo mensageiro da visão anterior (de Dn 12:1), com Daniel agora intervindo para pedir esclarecimentos:

*Um deles disse ao homem vestido de linho, que estava sobre as águas do rio: Quando se cumprirão estas maravilhas? ... isso seria depois de um tempo, dois tempos e metade de um tempo. E, quando se acabar a destruição do poder do povo santo, estas coisas todas se cumprirão. Eu ouvi, porém não entendi; então, eu disse: meu senhor, qual será o fim destas coisas? ... Depois do tempo em que o sacrifício diário for tirado, e posta a abominação desoladora, haverá ainda mil duzentos e noventa dias.*

Dn 12:6-11 (ARA)

A chave para entendermos essa passagem está no objeto da pergunta do anjo. De que maravilhas ele fala? Os eventos profetizados na visão anterior, narrada entre Dn 10:7 e 11:45, que se cumpriram ou se cumprirão ao longo de T1 são eventos trágicos e mundanos, gestados pela ambição, vaidade e outros traços do pecaminoso caráter humano. Nada maravilhoso, no sentido comum desta palavra. Pode-se considerar maravilha, no sentido comum, a salvação de “*todo aquele que for achado escrito no livro*”, mas isso já tem seu tempo ali determinado, T1, definido por referência (via T4) aos eventos descritos entre Dn 10:7 e 11:45.

T2: Há ainda em Dn 12:1 um outro período de tempo citado, este de modo indefinido, pois sem referente (“*haverá um tempo...*”): o tempo da grande tribulação, T2, quando haverá angústia como nunca houve antes, desde que houve nação. Porém, como poderiam ser considerados “maravilhosos” os eventos aí? Então, pelo visto, talvez a dificuldade para identificarmos o objeto da pergunta do anjo (“*essas maravilhas*”), esteja na tradução. Eis que a expressão original em hebraico (*happeleowt*) deriva de *pele*, que também quer dizer *inédito, extraordinário, surpreendente, inusitado, espantoso, assombroso, chocante, difícil de entender*.

Algumas traduções modernas ao inglês (*New International Version, New Living Translation, Holman Christian Standard Bible, Contemporary English Version, Good News Translation*) já traduzem *happeleowt* para uma dessas alternativas (em vez de “maravilhas”). E aí sim, o sentido da pergunta do anjo se encaixa melhor: quando será o tempo – até então indefinido – da grande tribulação? (T2). Todavia, com Lopes “forçando” uma contextualização que junta visões distintas, parece que ele tenta “encaixar” T2 dentro de T1, ignorando a contradição lógica (\*) que disso decorre (em T2 haverá angústia como nunca houve em T1).

**9m08s** – Nesse ponto Lopes afirma, referindo-se ao anticristo e citando Ap 13:7-8: “E a Bíblia diz que todos irão adorá-lo. Todos ... exceto os que tem o selo de Deus. Em outras palavras: nenhum crente salvo pela graça vai seguir o anticristo, nesse tempo do fim”.

Vamos analisar essa fala por partes. Sabemos que “selo de Deus” só é citado na Bíblia em Ap 7, para marcar na testa os servos de Deus que naquele momento pertencem às tribos dos filhos de Israel, onde essas tribos são listadas por seus nomes históricos; E também em Ap 9, para indicar a função protetora dessa marca durante a tribulação da quinta trombeta.

Ao identificar os selados das tribos de Israel como os verdadeiros cristãos vivos na época, Lopes assume a teologia da substituição ([supersessionismo](#)). Mas, sem mencionar que existe alternativa entre as igrejas

reformadas, sem explicação ou justificativa possível, além da de tentar desviar a doutrina pós-tribulacionista de inconsistências. Talvez sem muito sucesso, já que, tendo posto esses cristãos na Terra ao tempo da quinta trombeta (via Ap 9), quando o anticristo já teria alcançado e exerce poder absoluto, esses não poderiam estar aqui, já que Ap 13:8 descreve os adoradores da besta na ocasião como “*todos os que habitam sobre a terra*”.

**10m08s** – Nesse ponto Lopes afirma: “... A Bíblia descreve esse período como: o pouco tempo de satanás, a grande tribulação, o aparecimento do homem da iniquidade, e a grande apostasia. Todas essas expressões retratam o mesmo período, que é o período do levantamento do homem da iniquidade, ... e ao mesmo tempo vem essa tribulação sem paralelos”.

Temos então, sem rodeios, alinhavada aqui uma tese: a de que o tempo T2 se encaixa dentro do tempo T1. Nesta fala Lopes a explicita, mas sem nenhuma consideração a respeito da contradição lógica (\*), citada na Tabela 1, que dela decorre na própria passagem com a qual ele inicia pregando (Dn 12:1).

A grande tribulação ocorre durante o reinado absolutista do anticristo, e não durante sua ascensão em conquistas (Dn 7:24, 8:9, Ap 17:12-13). A abdicação do poder de dez reis em favor da besta, descrita em Ap 17:12, marca a passagem entre os períodos de ascensão e conquistas, e o período de reinado absolutista do anticristo; isto é, de T1 para T2. É nesse último período que, segundo esta leitura, ocorre a grande tribulação.

**10m57s** – “... Uma descrição do livramento do povo de Deus no verso 1 (em Dn 12:1) ... ‘naquele tempo, será salvo o teu povo.’ ... está aqui o livramento. A igreja não vai ser recolhida antes da tribulação”.

A confusão entre períodos de tempo proposta nesta fala tenta reforçar a tese T2-dentro-de-T1. Essa tese forçada é então usada para que o referente T4 (ver Tabela 1) aponte para T2, em vez de T1 somente, pela gramática e sem a contradição lógica (\*). Ou seja, mais uma leitura “forçada” para que a passagem citada endosse a tese pós-tribulacionista, situando o livramento do povo de Deus no tempo da grande tribulação.

Todavia, tal manobra depende também de outra confusão, esta semântica: o livramento revelado a Daniel em Dn 12:1 é para o povo dele, e foi registrado numa época em que a Igreja de Cristo (extensiva aos gentios) ainda era um mistério. A passagem pode estar se referindo ao povo hebreu, como em outras passagens do livro do Apocalipse, estas reveladas depois da fundação da Igreja (~95 DC). Uma confusão que só parece superada com a adoção da teologia da substituição, silenciosa e convenientemente presumida nessa pregação.

**11m46s** – Aqui Lopes, sem citar a fonte, afirma: “No sermão profético de Jesus Cristo, os anjos vão recolher os santos de todos os quadrantes da terra. Todo aquele que foi regenerado pelo espírito santo ...”.

Esta fala contém uma manobra, de omissão seletiva, que é velha conhecida do debate “pré-pós”. Uma manobra muito empregada em defesa da doutrina pós-tribulacionista, e que só encontro sendo usada para tal fim. Qual a gravidade desta omissão? Conclua por si: As escrituras narram o sermão profético de Jesus em duas versões. A “citação” na fala de Lopes estaria então, digamos, parafraseando uma delas. Qual delas?

*E ele enviará os seus anjos, com grande clangor de trombeta, os quais reunirão os seus escolhidos, dos quatro ventos, de uma a outra extremidade dos céus.* Mt 24:31

*E ele enviará os anjos e reunirá os seus escolhidos dos quatro ventos, da extremidade da terra até à extremidade do céu.* Mc 13:27

Se o que Lopes pretende citar é a passagem no sermão profético narrado por Mateus, o erro é crasso, e obviamente nada acidental: de trocar “céus” por “terra”. E a omissão, de revisão. Doutro lado, se a passagem citada é a do livro de Marcos, a omissão da expressão “até à extremidade do céu” é, no mínimo, curiosa.

Qual seria o propósito dessa varredura do céu, que na descrição mais detalhada inclui também a terra (da extremidade da um à extremidade da outra), se não houvesse cristão já arrebatado a ser encontrado no céu? Ao passo que, se já os houver, o que impediria alguns de estarem perambulando seus corpos de glória pela Terra naquele momento? Temos então, nessa fala, mais uma leitura “forçada” que só serve para endossar a doutrina pós-tribulacionista. Porém, agora com forçagem mais severa: com edição capciosa e ambígua do Evangelho, com o condão de “aterrar” artificialmente cristãos encarnados durante toda a grande tribulação.

**12m21s** – “... O povo de Deus será poupado não da grande tribulação, mas na grande tribulação ...”.

Aqui, sem nenhuma citação ou explicação, Lopes contradiz Ap 3:10, mormente devido ao original grego fazer uso redundante da preposição ἐκ, exercendo ali a função gramatical de reforçar a respectiva declinação verbal, apontando assim, enfaticamente, para corretas interpretações e traduções. No nosso caso, para a preposição “da”, e não “na”, como em todas as traduções que pesquisei. Do portal biblehub.com:

Ὅτι ἐτήρησας τὸν λόγον τῆς ὑπομονῆς μου, κἀγὼ σε τηρήσω ἐκ τῆς ὥρας τοῦ πειρασμοῦ, τῆς μελλούσης ἔρχεσθαι ἐπὶ τῆς οἰκουμένης ὅλης, πειράσαι τοὺς κατοικοῦντας ἐπὶ τῆς γῆς.

Ap 3:10, Byzantine Majority Text 2005

*Porque guardaste a palavra da minha perseverança, também eu te guardarei da hora da provação que há de vir sobre o mundo inteiro, para experimentar os que habitam sobre a terra.* Ap 3:10, ARA

Por que aparece esse reforço gramatical nos originais dessa promessa de Jesus? Não temos como saber. Mas, à guisa de especulação, podemos imaginar: talvez o Espírito Santo anteviesse certos tipos de manobra ...

**15m33s** – A respeito de Dn 12:2: “... Na língua hebraica, onde você usa ‘muitos’ como símbolo de ‘todos’ ...” (referindo-se à passagem ‘*E muitos que dormem no pó da terra ressuscitarão*’ ... )

Não há necessidade desse malabarismo linguístico para Lopes sustentar sua tese e suas doutrinas. “Muitos” ali não contradiz “todos”, à vista do que diz Jesus em Jo 5:28-29. O que Dn 12:2 diz literalmente será também verdade se Jo 5:28-29 o for. Entretanto, isso pode não ficar imediatamente claro, devido a divergências entre traduções desta passagem do evangelho de João, que convém analisar aqui.

*Não vos maravilheis disto, porque vem a/uma hora em que todos os que se acham nos túmulos ouvirão a sua voz e sairão: os que tiverem feito o bem, para a ressurreição da vida; e os que tiverem praticado o mal, para a ressurreição do juízo.* Jo 5:28,29. ARA/KJV

As traduções ao inglês com viés literal optam pelo artigo indefinido (uma) em “uma hora”, ao invés do artigo definido (a) em “a hora”, como preferem as traduções ao português pesquisadas. A opção por tradução de viés literal (que optam por “uma hora”) permite interpretar as duas ressurreições citadas nesta passagem como ocorrendo em momentos distintos, em concordância com a classificação dada em Ap 20:5-13: Se a primeira ressurreição será para os salvos, como declarado em Ap 20:6,

*Bem-aventurado e santo aquele que tem parte na primeira ressurreição; sobre estes não tem poder a segunda morte; mas serão sacerdotes de Deus e de Cristo, e reinarão com ele mil anos.* Ap 20:6 ARA

Então fica implícito que haverá uma segunda ressurreição, para os não-salvos, e em momento diferente conforme dão a entender os dois versículos anteriores:

*... e vi as almas daqueles que foram degolados pelo testemunho de Jesus, e pela palavra de Deus, ...; e viveram, e reinaram com Cristo durante mil anos. Mas os outros mortos não reviveram, até que os mil anos se acabaram. Esta é a primeira ressurreição.* Ap 20:4-5 ARA

**18m30s** – “Não tem essa ideia de que os salvos vão ter uma ressurreição primeira, e só depois os outros que não foram salvos terão uma segunda ressurreição, em outro período, Não! Quando Jesus voltar, os mortos vão ressuscitar, vão ouvir a sua voz, e vão sair do túmulo ... ”.

Temos aqui, a meu ver, uma contradição com Ap 20:5-6. Se haverá um só evento de ressurreição, Jo 5:28-29 ficaria mais claro se falasse da hora em que todos ressuscitarão, uns para a vida, outros para o juízo. Mas não é isso que é dito lá. No original grego, a passagem fala de uma hora em que todos que estiverem em túmulos ouvirão a voz do Cristo e sairão. Fala de um tipo de ressurreição (para vida), e de outro (para juízo). Sendo tipos distintos, e a hora indefinida, esta não precisa ser a mesma para ambos. Mas o argumento apresentado contra tal leitura é só o de autoridade. O que parece pouco em vista do que já foi aqui levantado.

**27m11s** – Sobre Dn 12:7, Lopes afirma: “A grande questão é: o que é ‘*um tempo, dois tempos e metade de um tempo*’? Alguns estudiosos da escatologia querem dizer que é três anos e meio, de grande tribulação. Mas essa é uma linguagem figurada. Nós não podemos pegar essa data aqui e literalizá-la. Isso é uma linguagem que representa todo o período da igreja cristã”.

Quem “literaliza” não é o leitor, é o escritor, ao registrar algo em forma de escrita. No caso, presume-se o próprio profeta Daniel. Ao leitor cabe interpretar. E quem interpreta uma escrita como linguagem figurada é que precisa explicar: Por que descarta a interpretação literal? Não é o que ocorre aqui. Uma forma sadia para interpretar a Bíblia é privilegiar a interpretação, literal sempre que tal fizer sentido. Porém, se o propósito da interpretação for o de sustentar doutrina preconcebida, tal regra pode atrapalhar. E se o intérprete tenta inverter a necessidade de se explicar, entendo que assim ele revela implicitamente tal propósito.

Antes, no comentário 7m41s, descrevemos a interpretação mais consistente para a pergunta do anjo em Dn 12:6: uma pergunta específica, sobre o tempo da grande tribulação (T2), respondida no versículo seguinte com a expressão em análise. Cabe então averiguar: para o original hebraico da palavra traduzida em Dn 12:7 por “tempo”, qual seria a leitura ou tradução que mais daria sentido à resposta “*isso seria para um tempo, dois tempos e metade de um tempo*”? A original em hebraico é *mo’ed*, que quer dizer: um tempo ou estação fixos; especificamente, um festival; convencionalmente, um ano. Um ano literal faz, pois, todo o sentido.

Porém, aqui encontramos resistência a essa interpretação literal, sob mero argumento de autoridade. Mas neste caso, talvez por uma dessas antevistas do Espírito Santo, não precisamos recorrer a mais erudição, a mais domínio do idioma grego, para contra-argumentar. Pois a própria Bíblia interpreta a Bíblia. Eis que a mesma expressão (“*um tempo, dois tempos e metade de um tempo*”) ocorre também Ap 12:14, descrevendo o período de tempo que uma mulher vai ser sustentada no deserto, longe da vista da serpente, depois que o dragão for precipitado na terra. Como poderia esse período ser igual ao de toda a existência da igreja cristã?

E ainda: A duração de eventos que cabem ser entendidos como da grande tribulação é descrita, em outras passagens, em unidades de tempo diferentes: Em meses, e em dias. Especificamente, 42 meses, em Ap 11:2 e Ap 13:5, e 1260 dias, em Ap 11:3 e Ap 12:6. Faça a conta e veja que todas essas medidas coincidem se forem interpretadas literalmente. E que elas só coincidem automaticamente se forem assim interpretadas. Por que a Bíblia descreve essa duração em três medidas distintas que só coincidem literalmente? Seria para indicar que devam ser entendidas literalmente, já que são reveladas por um Deus que não é de confusão? (1Co 14:33)

**27m35s** – Ainda sobre Dn 12:7 (repetindo): “... o que é ‘*um tempo, dois tempos e metade de um tempo*’? ... Isso é uma linguagem que representa todo o período da igreja cristã”.

Essa interpretação é incompatível com o contexto da pergunta (em Dn 12:6) sendo respondida. A visão profética que determina tal contexto, narrada entre Dn 10:7 e Dn 12:1a, cobre o período que vai de quando Daniel recebe a profecia até quando o anticristo armar sua tenda entre o mar mediterrâneo e o monte santo, mais T2. O início desse período antecede em mais de 500 anos o nascimento da Igreja, após a ascensão de Jesus, enquanto o final do período da igreja, no arrebatamento, tem seu momento oculto (1Ts 5:4, Ap 16:15) e é tema de disputa entre as teses pré- e pós-tribulacionista. Tentar forçar assim a tese pós induz a este erro.

**29m19s** – “... ‘e ele respondeu: vai Daniel, porque estas palavras estão encerradas e seladas até o tempo do fim’. O livro está escrito! Lembra lá de Apocalipse 5? ... e quando abre os selos vem a perseguição da igreja ...”.

Essa fala parece tentar associar o livro de Daniel ao livro mencionado em Ap 5, o qual está na sala do trono celestial de Deus. Porém, não conheço nem encontro nenhuma referência bíblica para tal associação. Independentemente disso, a perseguição que começa com a abertura dos selos do livro celeste é contra os habitantes da terra, e não contra a igreja, que deixa de ser mencionada depois de Ap 3, até Ap 22. No contexto da passagem citada, a única referência a perseguidos por crerem na palavra de Deus e darem testemunho disso, ocorre em Ap 6:9-11, mas sem mencionar a igreja, como é mencionada em Ap 2 a 3.

Mesmo assim, cabe indagar se os perseguidos citados em Ap 6:9-11 seriam membros da verdadeira igreja cristã contemporânea ao empoderamento do anticristo. Eis que no contexto seguinte, em Ap 7:13-14, encontramos uma resposta. Uma resposta explícita, devido às ‘vestiduras brancas’ (vestidas em Ap 6:9-11).

*Um dos anciãos tomou a palavra, dizendo: Estes, que se vestem de vestiduras brancas, quem são e donde vieram? Respondi-lhe: meu Senhor, tu o sabes. Ele, então, me disse: São estes os que vêm da grande tribulação, lavaram suas vestiduras e as alvejaram no sangue do Cordeiro, Ap 7:13-14 ARA*

Então, se a profecia em Ap 6 e 7 vai mesmo se cumprir, das duas, três:

- (1) Ou a verdadeira igreja vai passar pela grande tribulação, sem ninguém dela receber o selo de Deus (ao contrário do que Lopes afirma em 9m08s), em cujo caso não vai sobrar ninguém para ser arrebatado quando Jesus voltar;
- (2) Ou a verdadeira igreja vai passar pela grande tribulação, mas só com alguns crentes recebendo o selo de Deus (para se livrarem da perseguição aos demais, conforme Ap 6:9-11 e 7:13-14), em cujo caso nada se sabe sobre os critérios para se receber ou não este selo;
- (3) Ou a verdadeira igreja não vai passar pela grande tribulação (pois é arrebatada antes), em cujo caso os crentes perseguidos em Ap 6:9-11 e 7:13-14 são os que terão se convertido verdadeiramente depois do arrebatamento. Com o selo de Deus protegendo, literalmente, servos de Deus das tribos de Israel.

Ao longo desse seu sermão, Lopes repetidamente descarta (3), ignora as consequências teológicas de (2), junto com as contradições decorrentes de (1). E parece estar surfando num limbo (teo)lógico entre (1) e (2).

**29m19s** – “... Escatologia não é para especulação. Tem muita gente que discute o tempo do fim, quando na verdade o que a igreja precisa é se preparar para o tempo do fim”.

Também, pudera! Com tal fragilidade analítica, quem se sentiria à vontade expondo sua verve teológica ao questionamento público? Todavia, é melhor deixar a própria Bíblia comentar (ou responder). Vamos então ao início do livro que nela é escatológico por excelência, e ver o que ele diz a respeito:

*Bem-aventurado aquele que lê, e os que ouvem as palavras desta profecia, e guardam as coisas que nela estão escritas; porque o tempo está próximo.* Ap 1:3 ACF

Tendo as palavras da profecia sido lidas e/ou ouvidas, como guardar as coisas ali representadas? Bem-aventurado não é quem decora as palavras, é quem guarda as coisas que elas representam. Como então reter tais coisas sem esforço cognitivo e sem trabalho interpretativo? E como fazer isso sem interagir com quem já o fez? Como dialogar sobre essas coisas, para aprender, sem o risco de divergir? Confesso que não sei. Se o sentido da dita “especulação” for o da ação interpretativa a esmo, sem base, compreendo. Mas será este o sentido que Lopes intenta aqui? Ou seria um artifício para defletir questionamentos a suas teses e doutrinas?

Esta sua fala insinua que a discussão sobre temas escatológicos, e a preparação para tempos vindouros angustiantes, seriam ações excludentes. Mas não entendo assim. Entendo que a primeira pode contribuir para a segunda, conforme conselhos bíblicos encontrados, por exemplo, em Provérbios e no evangelho de Mateus:

*A glória de Deus é encobrir as coisas, mas a glória dos reis é esquadrihá-las.* Pv 25:2 ARA

*Respondeu-lhes Jesus: Errais, não conhecendo as Escrituras nem o poder de Deus.* Mt 22:29 ARA

Se, no reino dos céus, seremos feitos reis e sacerdotes para Deus (Ap 1:6), a preparação para isso deve incluir, segundo o conselho de Provérbios, esquadrihar a Sua palavra. Não só para guardar as coisas escritas no livro de Apocalipse, mas também para seguir o exemplo dos Bereanos, que Paulo endossa (At 17:11). E para não errarmos o caminho, por conselho do próprio Jesus. Doutra feita, censurar ou desqualificar o debate escatológico serve bem para encobrir falhas em doutrinas teológicas mal arraigadas ou mal motivadas.

**31m19s** – “... A perseguição, em vez de destruir a igreja, vai purificar a igreja. Olha o verso Dn 12:10 comigo ...”.

Aqui, há uma confusão entre a igreja até o momento do arrebatamento, e os convertidos que aceitam o evangelho de Jesus depois disso (durante a grande tribulação). Confusão esta que é “obrigatória” ao sustento da doutrina pós-tribulacionista. Extrair tal confusão de profecia revelada em época na qual a igreja ainda era mistério (Ef 3:8-9), constitui um elo para argumentos circulares, que só servem para encobrir inconsistências nessa doutrina. Uma leitura atenta de Dn 12:10 dá uma pista disso, e ainda questiona a censura – prévia nesse sermão – ao debate escatológico: “... *nenhum [ímpio] entenderá, mas os sábios entenderão*”.

**33m23s** – Referindo-se a Dn 12:12: “... ‘Bem-aventurado o que espera e chega até 1335 dias’ são termos figurados para descrever, ao longo da história; mas a igreja vai tendo paciência ...”.

Novamente, uma tentativa de alegorização descontextualizante sem nenhuma base bíblica. Sem base, por exemplo, numa contradição da interpretação literal (para 1335 dias) com um preceito lógico ou com outra passagem nas escrituras. Não obstante, mais uma alegorização que serve para encobrir falhas na doutrina pós-tribulacionista. A igreja vai tendo paciência com muita coisa; mas a minha, com esse sermão, termina aqui. Encerro então concluindo que, infelizmente, esse sermão não será a primeira apresentação que encontro, em defesa do pós-tribulacionismo, constituída com embasamento bíblico coerente e consistente.

Brasília, 19 de maio de 2021  
Pedro Antonio Dourado de Rezende

Uma homenagem a meu querido pai terreno,  
[Joffre Marcondes de Rezende](#);  
Um grande estudioso das linguagens humanas, e exemplo de bom caráter,  
que hoje completaria 100 anos se ainda estivesse entre nós.